

Helcira Maria Rodrigues de Lima
Raquel Abreu-Aoki
Renan Mazzola
(Organizadores)

RETÓRICA, ARGUMENTAÇÃO E EMOÇÕES

Itinerários Convergentes

Campinas: Pontes, 2023.

“EMOÇÕES IMPORTAM”: SERÁ QUE ESTOU DISPONÍVEL A ME IDENTIFICAR?

Maria Flávia Figueiredo

Introdução

A primeira parte do título que abre este capítulo – “emoções importam” – é uma alusão ao movimento *Black lives matter* (“Vidas negras importam”), cujo contexto é de conhecimento compartilhado. Trata-se de um momento delicado em que vidas estavam (e, infelizmente, continuam) sendo desprezadas, em que conjecturas sociais de extrema relevância são negligenciadas de maneira inconcebível.

Nessa mesma linha de reflexão, estabelecendo um paralelo, elegi o tema “emoções importam”, uma vez que o mesmo acontece com as emoções quando são postas em comparação com o nosso universo racional. É impressionante observar, inclusive em publicações recentes, o quanto as emoções são marginalizadas, sendo apenas tratadas de maneira tangencial.

Nesse sentido, parablenizo os organizadores desta obra que trouxeram as emoções para o palco e que atribuíram a elas o protagonismo. De fato, esse era um trabalho que precisava ser feito; tal bandeira precisava ser levantada. E todas as reflexões empreendidas em minhas pesquisas nos últimos tempos, que serão expostas no decorrer deste capítulo, visam reconhecer as emoções como constituintes tanto do cérebro quanto do corpo humano como um todo. Por essa razão, por assumirem posição vital no ser humano e em suas relações, é que as “emoções importam”.

Como contraponto da ideia aqui defendida, a pesquisadora Ruth Amossy, em sua obra *Apologia da polêmica*, faz a seguinte asserção:

O caráter passional da polêmica é um dos fatores que fizeram dela, tradicionalmente, o alvo de críticas. Isso foi criticado na polêmica por gerenciar o debate com base nas emoções e não na razão, saindo, assim, do domínio da argumentação fundada no *logos*. A questão da racionalidade do debate e, por conseguinte, da deliberação na esfera pública não deixa de se colocar sob os aspectos mais diversos. Nada de surpreendente nisso – o debate razoável é, frequentemente, como vimos, considerado o ponto nevralgico da democracia. (AMOSSY, 2017, p. 62)

É possível constatar que a citação desta obra recente, de uma importante pesquisadora, revela-nos como a racionalidade adquire destaque naquilo que deve ser levado em consideração. Dito de outro modo, o que mereceria atenção seria aquilo que possui um eixo racional, já que o emocional é muito volúvel, infantil, “feminino” talvez. São muitos os preconceitos que estão vinculados à esfera emocional, preconceitos esses que não se apagam facilmente. Observemos, mais uma vez, o início da citação supramencionada: “O caráter passional da polêmica é um dos fatores que fizeram dela, tradicionalmente, o alvo de críticas”. Ora, não é possível conceber a polêmica sem que a instância emocional esteja claramente presente. Mas o fato de a emocionalidade ser trazida à pauta faz com que a polêmica seja alvo de críticas. Podemos perceber, até mesmo, que essa concepção é, de certa forma, compartilhada pela pesquisadora Ruth Amossy. Não obstante, no próprio livro *Apologia da polêmica*, todas as análises subsequentes ao trecho em questão demonstram que as emoções não podem ser negligenciadas; pelo contrário, elas constituem o cerne das questões polêmicas. Mais uma vez, “emoções importam”.

No título deste capítulo, após a frase “emoções importam”, propus o subtítulo: “será que estou disponível a me identificar?”. Acredito que essa questão cause um certo estranhamento em um primeiro momento, ao qual intentei acrescentar uma provocação e instigar uma curiosidade. Para saná-la, trago abaixo a apresentação da proposta teórica intitulada *Trajectoria das Paixões* (FIGUEIREDO, 2020), em que constam as etapas mencionadas no subtítulo.

Trajectoria das paixões: aspectos de sua gênese

A teoria relativa à trajetória das paixões foi criada e desenvolvida ao longo dos últimos anos. A primeira publicação referente a ela data de 2018, após uma apresentação no departamento de Linguística Cognitiva da Universidade de Cleveland. Na ocasião, essa proposta teórica obteve uma repercussão muito positiva entre os docentes daquela universidade: Mark Turner, Todd Oakley e Vera Tobin. A partir desse evento, foi publicada a primeira versão da trajetória das paixões (FIGUEIREDO, 2018a, 2018b). Em 2019, foi realizada mais uma publicação relacionada a ela (FIGUEIREDO, 2019). Porém, foi na obra intitulada *Trajectoria das paixões: uma retórica da alma*, de 2020, que a proposta foi ampliada e serviu de aparato teórico-metodológico para todos os capítulos que compuseram a obra. A partir de então, a trajetória das paixões tem se mostrado produtiva para aplicação em textos orais, escritos e multimodais.

O texto introdutório do livro *Trajectoria das paixões: uma retórica da alma*, denomina-se “Ampliação e aplicabilidade analítica da ‘Trajetória das paixões’” (FIGUEIREDO, 2020). Os 21 capítulos que o sucedem são dedicados à aplicação dessa teoria a diferentes *corpora*.

No texto que preambula a obra, apresento, como epígrafe, a seguinte asserção: “Para Aristóteles, a Retórica abrangia, como podemos observar, o que hoje chamamos de Psicologia. Claro: sem conhecer os sentimentos das

pessoas, o retórico nunca conseguiria instigá-las, conquistá-las.” (COSTA, 2019, s.p.). Essa citação foi escolhida por denotar o pioneirismo de Aristóteles ao lançar as bases do que viria a ser, então, a Psicologia.

Na esteira de Aristóteles, sempre busquei investigar o caminho das emoções, com o intuito de entender como detectá-las, como apreendê-las, como analisá-las de alguma forma. Essa busca reflete minha própria personalidade, pois creio que o caminho para se atingir o ser humano pela emoção é bem mais curto do que pela razão. Por esse motivo, ao ser indagada acerca de diferentes questões, invariavelmente respondo: a princípio, preciso sentir e, apenas posteriormente, consigo raciocinar. Eis o meu percurso! Logo, relegar a emoção a um segundo plano, em termos teóricos, representaria uma violação da minha organização mental.

Ainda ancorada em Aristóteles e fundamentada nos conhecimentos de Fonologia adquiridos durante meu doutorado na Unesp, escrevi o capítulo intitulado “O texto e o contexto da fala: a prosódia na escuta psicanalítica” (FIGUEIREDO, 2012). Essa publicação abarca a monografia final do meu curso de formação em Psicanálise e explicita que minha formação inicial foi em Linguística; porém, em busca de uma compreensão mais profunda das emoções, tive que alçar novos voos nos meandros da Psicanálise.

Na monografia em questão, defendi a hipótese de que, no procedimento analítico, a observação das palavras, em seus aspectos prosódicos, contribui, de forma significativa, para o desenvolvimento da aptidão da escuta clínica do analista. Nesse texto, foi apresentada uma descrição dos elementos prosódicos e suas funções linguísticas. Além disso, nele, foi efetuada uma reflexão sobre o lugar da fala no processo terapêutico e o lugar da atenção flutuante como atitude recomendada ao analista. Vejamos cada um desses itens.

Ao fazer menção das palavras em seus aspectos prosódicos e o desenvolvimento da aptidão na escuta psicanalítica, faço referência à citação

de Marco Antônio Coutinho Jorge, que afirma: “a enunciação, na fala, altera os enunciados e, desse modo, revela o *sujeito da enunciação*”. (JORGE, 2002, p. 82, grifo nosso). O cunho linguístico desse excerto é evidente; porém, sua aplicação é precipuamente psicanalítica, uma vez que os psicanalistas, em seu papel interpretativo, apenas conseguem ter acesso a esse sujeito da enunciação se derem ouvidos não só às palavras, mas também à prosódia.

Em se tratando de prosódia, é oportuno mencionar alguns de seus principais elementos¹:

- tessitura
- entoação
- tom
- acento frasal
- ritmo
- duração
- acento
- pausa
- concatenação
- velocidade de fala
- volume
- qualidade de voz

Frente a tais elementos que constituem a “melodia da fala”, proponho que, no *setting* psicanalítico, diante de seu analisando no divã, o analista se distancie do sentido literal das palavras que estão sendo pronunciadas e se volte para os elementos prosódicos de fala do analisando. Assim, o analista

¹ Remeto o leitor ao texto mencionado (FIGUEIREDO, 2012) para acesso à definição e à exemplificação de cada um desses elementos prosódicos.

deve passar a considerar a tessitura, observando se a fala está mais grave ou mais aguda, a entoação, a duração das palavras e sílabas, as pausas que estão sendo feitas, a velocidade de fala do analisando, o volume com que as palavras estão sendo ditas ou, até mesmo, a sua qualidade de voz. Esse procedimento evidencia que os elementos prosódicos, quando adequadamente observados, podem constituir um aparato fundamental para o refinamento da escuta psicanalítica.

Mas, afinal de contas, o que os elementos prosódicos revelam? Eles revelam o sujeito que está por trás da fala e, ao desvelar esse sujeito, revelam as emoções que o abarcam. Ademais, eles apresentam os indícios da configuração da escala de valores desse sujeito, como veremos mais adiante.

No mesmo capítulo, como mencionado, discuti o lugar da fala no processo terapêutico e a atenção flutuante como atitude do analista. A atenção flutuante é a postura que o psicanalista precisa ter para não ficar atento a cada palavra dita, mas deixar que sua atenção flutue e capte o que lhe chame a atenção e, com isso, consiga depreender elementos do inconsciente de seu analisando. De acordo com Jorge (2002, p. 83, grifo nosso): “O sujeito é, assim, *intervalar*, pontual; ele é ‘o que desliza numa cadeia de significantes, quer ele tenha ou não consciência de que significante ele é feito’”.

O termo “intervalar”, presente nessa citação, merece destaque, uma vez que, apenas com a sua atenção flutuante, é que o analista será capaz de captar esse sujeito intervalar, que se mostra nas entrelinhas, sobretudo por meio dos elementos prosódicos, como proponho.

Nesse ponto específico, estabeleço um elo com minha formação em Fonologia. Ao ingressar nesse campo de estudos, fui motivada, mais uma vez, por minha paixão pelo entendimento das emoções. Todavia, ao me debruçar sobre os textos de Fonologia, deparei-me com uma área de muita formalidade e racionalidade, aspectos que atribuem aos estudos fonético-fonológicos um

caráter árido. Nesse sentido, segui adiante na busca de procurar onde se encontra esse sujeito intervalar.

Trajectoria das paixões: bases epistemológicas

No que se refere aos lugares da emoção e da razão no funcionamento do discurso persuasivo, inicio por mencionar a contribuição do pesquisador Luiz Antônio Ferreira, para quem “a palavra é mesmo uma entidade mágica, fugidia, ela nos faz perseguir um sentido. Às vezes, se esconde e não nos permite entendê-la em plenitude, mas, ainda assim, nos arrebatada, encanta, envolve e toma conta de nossos corações e mente” (FERREIRA, 2010, p. 7). Nesse excerto, é pertinente frisar que o autor atribui primazia aos “corações” para, posteriormente, referir-se às mentes. Dessa maneira, evidencia o percurso natural: primeiro, as palavras atingem os nossos corações, depois, as nossas mentes.

Nessa linha de raciocínio, deparamo-nos com a seguinte afirmação de Aristóteles: “nem a escrita é a mesma para todos, nem os sons pronunciados são os mesmos, embora sejam as afecções da alma” (ARISTÓTELES, 2013, p. 3). Assim, de acordo com a citação aristotélica, apesar de tudo ser diferente, o único fator que se mantém igual são as afecções da alma, ou seja, as paixões, os afetos: eis o que possuímos em comum uns com os outros.

Tenho dito reiteradas vezes que a reflexão feita por Aristóteles sobre as paixões humanas foi de tamanha importância que tem sido retomada, para propósitos distintos, por pesquisadores de diversas áreas de interesse, tais como: a neurociência, a psicologia, a psicanálise, a filosofia, a linguística e a sociologia. De fato, os apontamentos do filósofo sobre a temática guiam, direta ou indiretamente, nossas concepções acerca das emoções até os dias atuais. Esse fato justifica as incursões à instância passional de inúmeros campos do saber.

Agora, no que tange a importantes nomes dos estudos de Retórica na contemporaneidade, gostaria de destacar o filósofo belga, Michel Meyer. A meu ver, Meyer foi o maior conhecedor de Retórica na atualidade; seu conhecimento e suas ideias não encontram equivalência em outros autores contemporâneos. O legado por ele deixado é imensurável, o que permitirá que ele continue cada vez mais vivo em nosso meio. Certamente, a trajetória das paixões não se configuraria sem os aportes teóricos de Michel Meyer. Um desses aportes se resume na simples frase: “lugar em que se aventuram a identidade e a diferença, a paixão se presta a negociar uma pela outra; ela é momento retórico por excelência” (MEYER, 2000, p. XL). Como pode ser visto nesse excerto, Meyer não relegou a paixão a um segundo plano.

Ainda sobre o lugar das emoções nos estudos retóricos, convém tecer o seguinte comentário. Embora assuma um caráter elementar, é oportuno retomar, neste texto, o tripé retórico. Segundo Plantin (2008, p. 111), o eixo emotivo é constituído pelo *ethos* e pelo *pathos*, enquanto o eixo racional é constituído pelo *logos*. Ao levarmos em consideração os postulados de Plantin, até mesmo nesse tripé, o eixo emotivo suplanta o eixo racional, já que existem duas instâncias voltadas para o caráter emotivo e uma única instância voltada para o caráter racional. Cabe ressaltar, no entanto, que, em diversas discussões e publicações contemporâneas, é possível averiguar que essas instâncias se invertem e o *logos* ganha, muitas vezes, primazia.

Tamanha é a importância das paixões que opto por denominá-las pontífices da retórica. Por quê? Na barganha entre identidade e diferença, o campo passional ganha lugar e permite que o orador habilidoso possa angariar o convencimento e a persuasão de seu auditório. Em outras palavras, as emoções funcionam como pontes entre orador e auditório e permitem a conexão e a proximidade dos homens por meio da identificação. É nesse sentido que as paixões podem ser consideradas pontífices da retórica, pois exercem a autoridade de consumir o ato persuasivo. Nessa mesma linha de

raciocínio, para Aristóteles, “as paixões humanas são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer” (ARISTÓTELES, 2015, p. 116).

Apesar de as paixões constituírem esse elo dentro da retórica, pode-se compreender o porquê de as emoções serem muitas vezes relegadas a um segundo plano. “Para Aristóteles, [...] as paixões estão intimamente associadas ao prazer e ao sofrimento – por conseguinte, ao apetite sensível, o qual é flutuante e por isso *desestabiliza o homem*” (MEYER, 2000, p. XXXIX, grifo nosso). Ora, não consideramos confortável aquilo que nos desestabiliza; talvez aquilo que pode nos trazer prazer, sim, mas o que pode nos proporcionar dor, não. E se nos desestabiliza, é melhor que nos amparemos na racionalidade e pensemos ser ela o que nos sustenta.

Não obstante, a despeito dessa desestabilização, as paixões constituem, como vimos, o elo vital no interior do procedimento retórico.

Vejamos, por fim, as paixões segundo Aristóteles²:

- ira
- calma
- amizade (amor)
- inimizade (ódio)
- temor (medo)
- confiança
- amabilidade (favor)
- vergonha
- desvergonha (impudência)
- piedade (compaixão)
- indignação

² Essas paixões foram amplamente discutidas na obra *Paixões aristotélicas*, organizada por Figueiredo, Ferreira e Ramírez Vidal (2018).

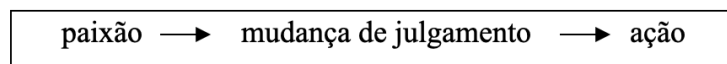
- inveja
- emulação
- indelicadeza (desprezo)

Uma vez tecidas as bases epistemológicas que subsidiaram o processo de constituição da trajetória das paixões, passemos à descrição do legado aristotélico e à trajetória propriamente dita.

O legado aristotélico como fundamento para a trajetória das paixões

De acordo com Aristóteles, toda vez que há a ocorrência de uma paixão, necessariamente temos a mudança de julgamento, que, por sua vez, conduzirá a uma ação, conforme pode ser verificado no esquema que proponho a seguir:

Figura 1 – Efeitos da paixão segundo Aristóteles



Fonte: Figueiredo (2020, p. 38)

Ao propor a trajetória das paixões, disponho o raciocínio aristotélico em formato de etapas e proponho duas outras etapas introdutórias no percurso passional, que são denominadas disposição e identificação.

Vejamos:

Figura 2 – A trajetória das paixões



Fonte – Figueiredo (2020, p. 40)

Se tomarmos essa trajetória como uma balança, o despertar da paixão (ou do afeto) constitui o cerne (o vértice) que equilibra os dois lados da balança: sendo um deles constituído pela mudança de julgamento e pela ação, e o outro pela disponibilidade e pela identificação. Assim, para que haja o despertar da paixão, é necessária a identificação e, antes dela, a disponibilidade por parte do ouvinte. Por isso a pergunta inicial deste capítulo: será que estou disponível a me identificar?

É importante ter presente que a trajetória das paixões é um eixo contínuo que pode se repetir infinitas vezes; além disso, ela pode ser sobreposta, gerando a ocorrência de várias paixões de maneira concomitante. Nesse sentido, a trajetória constitui um eixo infinito.

Vejamos, agora, as descrições de todas as etapas, com especial ênfase à descrição das duas primeiras, que foram destacadas no subtítulo deste trabalho. Iniciemos com a disponibilidade. O estágio da disponibilidade refere-se à disposição emocional do auditório e à sua acolhida em relação às emoções propostas em um determinado discurso. Dito de outro modo, um auditório apenas sentirá determinada paixão se estiver aberto, de acordo com sua pré-disposição cognitiva, a senti-la.

Ademais, o estágio da disponibilidade pode ser descrito, de forma metafórica, da maneira descrita a seguir. Para que possamos compreender como se dá a organização da disponibilidade do auditório, proponho que imaginemos o seguinte: em algum espaço de nossa organização mental, estão localizadas as emoções que somos capazes de sentir. Elas, todavia, estariam dispostas em uma prateleira imaginária, como se fossem os mantimentos organizados em uma determinada despensa. Se formos pensar, em um compartimento como o descrito, ordenamos, mais à frente, aqueles alimentos que são utilizados com mais frequência; por outro lado, deixamos mais escondidos, ou em prateleiras menos acessíveis, aqueles de que não fazemos uso com frequência. Obviamente, essa organização obedece a critérios individuais, de cada família, assim como de seu conjunto de hábitos. Do mesmo modo, é possível conceber a disponibilidade das emoções que estão presentes em nós. Também, conforme nosso conjunto de hábitos e nossas propensões psíquicas, estarão mais disponíveis e mais facilmente afloráveis, determinadas emoções e não outras. Em contrapartida, algumas dessas paixões estarão praticamente escondidas, acomodadas em compartimentos distantes da nossa prática cotidiana, ou que foram construídos de forma mental, como mecanismos de defesa, a fim de que pudéssemos lidar melhor com nossos traumas (FIGUEIREDO, 2020, p. 41).

A proposta da trajetória das paixões é um convite a encontrar caminhos para que o orador tenha acesso a essa prateleira de emoções. O orador precisará, portanto, conhecer seu auditório, não apenas de forma superficial, mas de maneira muito mais íntima. Para isso, precisará ter acesso a sua escala de valores, às suas preferências, ao seu conjunto de hábitos, enfim, para só então ser capaz de intuir a sua disponibilidade emocional. Com isso, fica patente a importância de o orador acessar a disponibilidade de seu auditório.

Uma das vantagens do trabalho com a trajetória das paixões diz respeito à concepção de auditório, que não adotaria como critério as noções clássicas de auditório universal e particular, concreto e virtual; antes, a classificação de auditório se daria a partir de suas paixões. Por exemplo, podemos considerar um auditório em que a paixão do medo estaria mais facilmente aflorável ou um auditório em que a paixão do ódio seria mais facilmente suscitada; a partir desse parâmetro, o orador se dirige a um determinado auditório, e não a outro. Por meio desse raciocínio, a categorização clássica de auditórios (particular e universal) não apresenta utilidade para a prática de aplicação da trajetória das paixões.

Ainda no que tange às etapas da trajetória das paixões, passemos à segunda delas: a identificação – segundo a qual o despertar da paixão não ocorreria. Tal etapa pode ser explicada da seguinte maneira: para refletir sobre ela, comecemos por nosso legado cultural. Vejamos como esse processo se corporifica em primeira pessoa: eu me identifico com aquilo que me remete a mim, que fala da minha história, que dialoga com as minhas lembranças, que respeita minha escala de valores, que trata de temas que me são caros, que me faz lembrar pessoas que amo, que me transporta para situações marcantes (quer se trate de momentos felizes, quer se refira a ocasiões traumáticas).

Dessa forma, a identificação é o passo fundamental para que o despertar da paixão ocorra. Será nessa etapa que o orador, por meio de seu discurso, poderá fazer uma construção linguística para criar processos identificatórios naqueles que o ouvem ou leem. Na contemporaneidade, isso está cada vez mais claro. Vejamos o caso das redes sociais, como *Tik Tok* e *Instagram*, costumamos efetuar a rolagem da tela rapidamente até que a interrompemos para visualizar com mais calma aquilo com que nos identificamos. Por exemplo, atualmente, tenho desenvolvido interesse por nutrição e, por isso, decidi começar a me especializar em alguns aspectos

relacionados à intolerância alimentar. Assim, quando é feita uma publicação dentro desse tema, minha atenção é atraída porque diz respeito a mim; logo, tudo que diz respeito à intolerância alimentar me atrai a atenção, provocando, dessa maneira, a identificação.

Em contrapartida, vejamos o exemplo de um vídeo que tem como chamada o seguinte dizer: “ensinarei um prato voltado para crianças em idade escolar”. No momento em que verifiquei que se tratava de “criança em idade escolar”, não fixei minha atenção no vídeo; pelo contrário, continuei executando a rolagem da tela. Por quê? Porque eu não tenho filhos, não tenho crianças em idade escolar. Apesar de o assunto ter me interessado num primeiro momento, assim que o orador do vídeo atribuiu ênfase para as crianças em idade escolar, logo me desidentificou, pois isso não fala da minha história, não trata do meu interesse, não dialoga comigo, não desperta paixão em mim, não me afeta.

Passemos, agora, de forma mais sucinta, para os próximos estágios, quais sejam: o despertar da paixão, a mudança de julgamento e, finalmente, a ação.

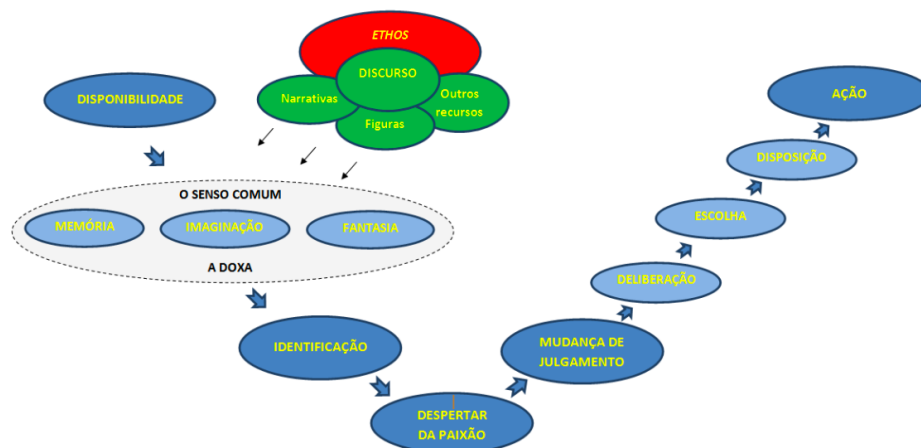
No estágio referente ao despertar da paixão, o auditório, imediatamente após vivenciar os processos identitários (nele acionados por meio de elementos presentes no discurso do orador), passa, então, a experienciar as alterações e os processos fisiológicos que lhe ocasionarão as sensações de *prazer e/ou dor*.

Quanto ao estágio relativo à mudança de julgamento, em função da experiência de dor e/ou de prazer oriundas da paixão, observamos um impacto nos estados ou processos cognitivos relacionados às crenças (*doxai*) ou aos julgamentos (*hypolepsis*) do auditório. Como nos recorda Aristóteles, “nesse estado, observa-se uma notável diferença nos julgamentos proferidos” (ARISTÓTELES, 2015, p. 116).

Finalmente, tem-se o último estágio: a ação. Nesta fase, o processo persuasivo atinge seu objetivo último, a saber, o de conduzir o auditório à ação. Assistimos, assim, ao espetáculo das atitudes ou disposições do auditório para com o mundo. Dessa forma, na esteira aristotélica sistematizada por Trueba Atienza (2009), o auditório poderá, por fim e inevitavelmente, dar vazão a seus desejos ou impulsos (*orexis*). Desse modo, assistimos à conjunção do corpo e da mente impulsionados por uma mesma causa. Ou seja, as paixões afetam não somente a alma, mas também, e sobretudo, *o corpo* de quem as sente.

Uma vez descritas todas as etapas envolvidas na trajetória das paixões, passemos à apresentação dessa teoria de forma ampliada e que se encontra na seguinte configuração:

Figura 3 – Trajetória das paixões ampliada



Fonte: Figueiredo (2020, p. 47)

O que está representado em azul escuro no diagrama refere-se à trajetória das paixões em seu primeiro formato, em azul claro estão os elementos considerados como intermediários a essas etapas. Por exemplo, entre a disponibilidade e a identificação, encontramos a *doxa*; nela, estão presentes a memória, a imaginação e a fantasia. E é justamente nesse lugar

que o orador tem seu palco de ação. O orador, que está representado pelo *ethos* (em vermelho no diagrama), pode lançar mão, em seu discurso (representado em verde no diagrama), de três estratégias fundamentais: a primeira delas são as narrativas – talvez o atalho mais breve para gerar identificação nos ouvintes. Outro atalho também breve são as figuras de linguagem, principalmente aquelas como a metáfora, que aponta sempre para um outro lugar; aqui, é possível vislumbrar uma ponte com a atenção flutuante do psicanalista – já mencionada neste trabalho.

O psicanalista tem que estar num estado de concentração, deve estar com os ouvidos abertos, com a atenção flutuante para captar o inconsciente de seu paciente, isto é, desse sujeito que é intervalar, que se manifesta, sobretudo, na prosódia, consoante minha proposta de análise. O orador poderá, então, lidar com as figuras de linguagem, cuja riqueza advém de sempre apontarem para outro lugar, ou seja, as figuras não são as palavras puramente usadas, mas são as construções psíquicas que elas vão emanar a partir da construção de uma figura de linguagem.

Assim, gostaria de destacar estes dois recursos: a força das narrativas e a força das figuras de linguagem à disposição do orador para construir a ponte entre a disponibilidade – que já está presente em seu ouvinte – e a identificação. Vale observar que, em trabalhos recentes, mostramos também que a disponibilidade não é estratificada; antes, é plausível de ser alterada mediante o discurso. Então, no momento em que o discurso começa, a disponibilidade, que estava numa certa disposição dentro da prateleira de emoções, já começa a se alterar, ou seja, às vezes, uma emoção que estava lá atrás, adormecida, por meio de um discurso adequado do orador, é trazida à baila para que, imediatamente, o orador trabalhe seu discurso de forma a gerar a identificação de seu ouvinte.

Considerações finais

Neste texto, além de buscar demonstrar que as “emoções importam”, propus a indagação: “será que estou disponível a me identificar?”. Tal questionamento se dirige tanto ao orador quanto ao auditório. O auditório encontra-se numa posição de passividade porque a disponibilidade já está presente nele, porém, a partir da artimanha do orador é que essa prateleira de emoções se configurará adequadamente para que a identificação aconteça. Entretanto, o que se verifica, muitas vezes, é que o próprio orador nem sempre está disponível a se identificar com seu auditório, o que compromete o ato persuasivo, uma vez que o orador é o modelo de identificação para o seu auditório.

Por tudo isso, afirmamos, neste texto, que a paixão é pontífice entre orador e auditório e que, por essa razão, efetua o ato persuasivo. Sendo assim, se o orador não estiver disponível a entender a prateleira de emoções presente na cognição de seu auditório, muito pouco ele poderá fazer em termos discursivos para gerar a identificação.

Para finalizar, gostaria de retomar as reflexões analíticas propostas neste capítulo e conectá-las com as proposições passionais. Para isso, apresento uma paráfrase da afirmação feita por Jorge (em *Fundamentos da Psicanálise*), por meio da qual proponho uma equivalência entre “pulsão” e “paixão”, dois termos centrais às áreas em que se inscrevem: a Psicanálise e a Retórica.

Vejamos:

O texto original, advindo do campo psicanalítico, diz o seguinte: “Assim como o recalque é uma forma de dizer *não* à pulsão, a sublimação é uma forma de dizer *sim* à pulsão em sua estrutura intimamente ligada ao impossível” (JORGE, 2002, p. 155).

A paráfrase, por sua vez, assinala: Assim como o recalque é uma forma de dizer *não* à paixão, a racionalização é uma forma de dizer *sim* à paixão em sua estrutura intimamente ligada ao impossível.

Com essas palavras, espero instigar o leitor a pensar que, não poucas vezes, a razão se torna o único caminho de entendimento da paixão, já que a sua experiência direta é, como demonstramos, no mínimo, incômoda. Apesar disso, e principalmente por isso: “emoções importam”!

Referências

- AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. Contexto: São Paulo, 2017.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução do grego de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015. (Coleção Folha. Grandes nomes do pensamento; v. 1)
- ARISTÓTELES. *Da interpretação*. Tradução de José Veríssimo Teixeira da Mata. São Paulo: Unesp, 2013.
- COSTA, R. A *Retórica* na antiguidade e na idade média. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 42, p. 353-390, 2019, Edição Especial. Disponível em: <https://www.ricardocosta.com/artigo/retorica-na-antiguidade-e-na-idade-media>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- FERREIRA, L. A. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010.
- FIGUEIREDO, M. F. O texto e o contexto da fala: a prosódia na escuta psicanalítica. In: PERNAMBUCO, J.; FIGUEIREDO, M. F.; CÂMARA, N. S. Textos e contextos. Franca: Universidade de Franca, 2012.
- FIGUEIREDO, M. F.; FERREIRA, L. A.; RAMÍREZ VIDAL, G. (org.). *Paixões aristotélicas*. Franca: Unifran, 2017.
- FIGUEIREDO, M. F. A retórica das paixões revisitada. In: LUDOVICE, C. A. B.; MANFRIM, A. M. P.; FIGUEIREDO, M. F. (org.). *O texto: corpo, voz e linguagem*. Franca: Unifran, 2018. (Coleção Mestrado, 13). p. 141-158.

- FIGUEIREDO, M. F. Pathways of passion: Aristotle, the Rhetoric of Passions and its implications in the discursive/argumentative context. *SINERGIA* (IFSP. ONLINE), v. 20, p. 1-16, 2019a.
- FIGUEIREDO, M. F. A trajetória das paixões: Aristóteles, a Retórica das Paixões e suas implicações no contexto discursivo/argumentativo. *Sinergia* (Revista Científica do Instituto Federal de São Paulo), v. 20: Edição Especial – Comunicação Científica, Cognição e Persuasão, p. 6-17, set. 2019b.
- FIGUEIREDO, M. F. Ampliação e aplicabilidade analítica da “trajetória das paixões”. In: FIGUEIREDO, M. F.; GOMES, A. M.; FERRAZ, L. (org.). *Trajetoira das paixões: uma retórica da alma*. Franca: Universidade de Franca, 2020. p. 29-55.
- JORGE, M. A. C. Fundamentos da psicanálise: de Freud a Lacan. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (Transmissão da psicanálise)
- MEYER, M. *Aristóteles ou a retórica das paixões*. (Prefácio). In: ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. XVII-LI.
- PLANTIN, C. *A argumentação*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola editorial, 2008.
- TRUEBA ATIENZA, Carmen. *La teoría aristotélica de las emociones*. *Signos filosóficos*, México, v. 11, n. 22, jul./dic. 2009.